



## DISCUTINDO E VISUALIZANDO IDENTIDADE NUMA MISCELÂNIA DE FAZERES: A CIDADE DE MANÁOS AO FINAL DO SÉCULO XIX

Bruno Miranda Braga<sup>1</sup>

### Resumo

Neste artigo apresentaremos algumas características de como era híbrida, mestiça a cultura da cidade de Manáos ao final do século XIX, e advento do XX. Nesse período, a cidade vivenciava o surto urbanizador e político proporcionado pelo boom econômico da economia da borracha. Em seus fazeres, a elite enriquecida procurava utilizar, importar gostos e costumes, saberes e fazeres, para despir a cidade de seu estatuto de índia e cabocla. Porém, vemos que muitos desses fazeres e saberes foram imbricadas e incorporadas aos nativos, propriamente de tez indígena, apresentando uma miscelânea, um grande mosaico de formas de viver. Apresentaremos como o encontro da cultura exterior com a nativa, formou uma tipologia peculiar no meio da Selva Amazônica, no século do progresso.

**Palavras-chaves:** Manáos; Cidade; Hibridismo cultural; Saberes; Fazeres.

### Abstract

In this article we will present some characteristics of what it was hybrid, mixed culture of the city of Manáos the end of the nineteenth century and the advent of the twentieth. During this period, the city was experiencing the urbanizing and political surge provided by the economic boom of the rubber economy. In their doings, the elite enriched tried to use import tastes and habits, knowledge and practices, to strip the city of its Indian status and cabocla. However, we see that many of these activities and knowledge were intertwined and incorporated into native, properly indigenous complexion, featuring a hodgepodge, a large mosaic of ways of living. Present as the meeting of the foreign culture with native, formed a peculiar type in the middle of the Amazon Jungle, in the progress of the century.

**Keywords:** Manáos; City; Cultural hybridity; knowledge; practices.

### Introdução

Sempre houve no transcorrer da historiografia da Amazônia luta entre heróis e vencidos. Porém, em diversos momentos as culturas se entrelaçam e se hibridam, passam por utilizar elementos uma das outras, há trocas culturais, sem despir-se ou perder a cultura que se adotou. Em Manáos <sup>2</sup>, na *belle époque*, isso tronou-se visível e uma prática constante, apesar de neste período ter tido uma demasiada enclave

---

<sup>1</sup> Licenciado em História. Mestrando em História Social no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas/PPGH-UFAM. Linha de Pesquisa: Cultura e Representação. Bolsista da Coordenação de Pessoal do Ensino Superior- CAPES. E-mail: brunomirandahistor@hotmail.com.

<sup>2</sup> Manteremos a grafia da Época nos documentos e escritos apresentados.



# MARUPIARA

## REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS

estrangeira, aqui se tinha índios que, direta ou indiretamente, influenciaram sim, a sociabilidade deste período histórico.

O historiador Francisco Jorge dos Santos (2010), afirma que “*Manáos era uma Caboca metida a Gringa*”, o autor faz uma enfática alusão, que mesmo tudo sendo importado do estrangeiro, Manáos, em seu viver social, ainda guardava muito dos seus tempos de tapera, de indígena. Vale ressaltar, que na cultura amazônica tudo tem influência, até a geografia peculiar de sua região, uma vez que,

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e uso dos recursos naturais extraídos *da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme*, responsáveis pelas formas de economia e subsistência e de mercado. Dentro desse contexto, desenvolveram-se o *homem e a sociedade*, ao longo de um secular processo histórico e institucional.

O conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia Equatorial e Tropical *inicialmente foi um processo predominantemente indígena*. A esses valores e culturas foram sendo incorporados, por via de *adaptação, assimilação, competição e difusão*, novas instituições, instrumentos, técnicas, incentivos e motivações transplantadas pelos seus colonizadores e povoadores. [...]

Houve, assim, *encontro não apenas de valores como de culturas*. Tanto a erudita, clássica e elitista exógena, como a cultura de massa primitiva, popular e nativa [...] (BENCHIMOL, 2009, p. 17)

Desde o primeiro contato com os estrangeiros, a população nativa defendeu com garra sua cultura e esta se manteve por anos, mesmo que resignificada ao longo da história. No fazer da cidade, as culturas se entrelaçam em meio as sociabilidades e os fazeres do cotidiano, mesmo as que parecem e são consideradas por outras como “inferiores” ou “primitivas”, às vezes, no cotidiano citadino, vivificamos atividades que pertencem a outra cultura, ou que é originária de outra cultura sem sequer percebermos pois estamos utilizando um saber do outro, usando uma atividade para nosso fazer, ensinado e resignificado por outrem.

### **Manáos e a Cultura do Complexo Amazônico**

A cultura de Manáos tem origem na cultura indígena, que incorporou a seus valores, elementos da cultura do branco. Exemplo: andar vestido era tipicamente da



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

cultura branca. Não que, ao final do século XIX os índios andassem completamente nus, afinal, da conquista no século XVII até o fim do XIX passaram-se mais de 200 anos, porém utilizavam roupas de forma peculiar e estapafúrdia para a época: os homens não utilizavam fraque, camisas de punhos, sapatos, gravatas, etc.; as mulheres não usavam vestidos longos, com anáguas, espartilhos, e aqueles acessórios que caracterizam a belle époque. Era uma forma de resistência dos índios? Sim, mas também era o que eles podiam adquirir com seus salários ínfimos e, principalmente era mais oportuno o uso de trajes mais simples, para melhor adaptação ao clima úmido e tropical da região. Aqui iremos encontrar uma troca bem clara que houve entre índios e brancos: as vestimentas. Destacamos também que era inoportuno os índios como os pobres em geral vestirem-se semelhantes as elites, uma vez que “a roupa no século XIX, vem trazer uma distinção social” (SOUZA, 1987). Ao chegarem aqui e presenciarem o clima, os brancos também passaram a transformar seus trajes, nem que se mudasse apenas o tecido dos vestidos e calças, já foi uma troca necessária ao seu bem-estar.

Porém, ao analisar as diversas trocas culturais que existiram nesse momento, vemos que seu discurso vai muito além de uma simples adaptação de roupas e acessórios de moda. As trocas foram no viver dos índios, uma forma de resignificar e usar o mundo branco, uma vez que, como teoriza Certeau (1994, p.38), “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”, ou seja, o que parece ser singular e praticado igual por todos nem sempre o é, isso gera uma resistência e “maneiras de fazer” uso de costumes e hábitos que não eram seus.

A raça indígena parece aproximar-se o mais possível à perfeição por sua união com os brancos; do que são prova as mulheres dela provindas. A pés e mãos pequenos, madeixa basta e preta, collo o proverbial das indígenas, talhe complexo das mais regulares proporções, ajustão à cor morena, realçada por uma original expressão de phisionomia e huma vivacidade e graça superiores infinitamente ao que fora de esperar em hum paiz internado no deserto (AMAZONAS, 1984, p.24).

Entendemos raça como um conceito que hierarquiza (MOTA, 2003), pois assim como serve para índios, servia para negros, branco também. Com o excerto acima, temos uma ampla visão do que os índios, ou melhor as índias suscitavam no branco,



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

mesmo semelhantes, igualadas as moças brancas, as índias ainda eram menosprezadas até por causa de sua região de origem, o vale amazônico era visto como um “*paiz internado no deserto*”. Por isso, identidade é aqui entendida como “[...] um lugar que se assume, uma postura de posição e contexto, e não uma essência ou sustância a ser examinada” (SOVIK, 2003, p. 16), ou seja, é a identidade local que se assume, e, mesmo que os de fora tentem igualar as culturas, sempre uma é diminuída em detrimento de outra, como lemos no excerto acima.

O processo cultural do povoamento e ocupação humana da Amazônia teve como característica principal a *multidiversidade de povos e nações*. Etnodiversidade histórica e original que se manifestava não tanto pelos *caracteres raciais*, mas por *aspectos antropológicos e culturais ricos, típicos e diferenciados* na linguagem, ritos, magias, usos, costumes, produtos ergológicos, formas próprias de subsistência nas lavouras itinerantes, nos processos de caça e pesca e, sobretudo, no *uso e aproveitamento dos recursos florestais*. Deste, *extraíam os seus fármacos, frutos, óleos, fibras, resinas, cipós, venenos, afrodisíacos e alucinógenos, para as suas necessidades do cotidiano e do ciclo anual e sazonal da vida*. (BENCHIMOL, 2009, p.19)

Essa, acredito foi a principal troca cultural entre índios e brancos: o conhecimento e usufruto dos elementos das florestas. Estes elementos constituíram parte presente da sociabilidade de Manaus. Em 1903, no Jornal Manauara *Quo Vadis?*<sup>3</sup> circulou durante meses uma matéria diária com o título “*Medicina Indígena*”, tratava-se de uma série de receitas naturais, baseadas em conhecimentos indígenas para cura ou melhora de mazelas e doenças que assolavam a região tropical. Vale perceber que o publicador, enfatizava que essa matéria era destinada aos soldados do exército brasileiro, que estavam em operações nas regiões do Acre e do Alto Purus, porém, este jornal também circulava e era bem recebido em Manáos assim como o seu conteúdo era elaborado na cidade.

No dia 12 de maio de 1903, uma terça-feira, assim compõe-se a matéria:

## MEDICINA INDÍGENA

### HEMORRHOIDES

---

<sup>3</sup>JORNAL QUO VADIS ANNO II – Manáos, 1903 – Acervo: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA.



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

Para combater, com vantagem, este incommodo basta usar a pimenta em quantidade abundante, por ocasião das refeições. As pessoas de paladar delicado, que não poderem suportar-a, terão o recurso de engulir os bagos da malagueta convenientemente triturados e envolvidos em uma colher de pirão de farinha secca, escaldada.

Este mesmo tratamento é também de grande efficacia na Dysenteria ou diarrhéia sanguinolenta.

Nos casos, porém, em que a prostração do doente seja tão grande que o impossibilite de ingerir o mínimo alimento, convém, neste caso, recorrer aos clysteres e agua morna, saturada de pimenta e ligeiramente adicionada de sal de cosinha. Na falta de seringa, será urgente fazer-se três a quatro bolinhas, do tamanho de uma azeitona, compostas de farinha secca humedecida com agua e misturada com bastante pimenta, convenientemente triturada.

Uso: introduzir no anus do doente uma destas bolinhas, de quarto em quarto de hora. Na generalidade dos casos, verificou-se que o doente, já em estado comatoso, reanimava-se, recuperando o calor e a energia do corpo.

A pimenta malagueta esmagada, em quantidade sufficiente, e misturada com pirão de farinha secca, feito com agua fria, serve para substituir os sinapismos de mostarda.

Nas moléstias, que serão mencionadas adiante, a pimenteira tera tambem varias applicações cujos resultados beneficos têm sido demonstrados pela longa prática.

(Continua).<sup>4</sup>

Na sequência de dias, têm-se receitas para diferentes mazelas, que assolavam a população interiorana e citadina também, todas seguem o mesmo estilo da que foi transcrita acima, os ingredientes são naturais e obtidos nas florestas<sup>5</sup>. O jornal diz que tais receitas foram “*extrahidas da carteira de um viajante, em 25 annos de excursões no interior dos Estados do Pará e Amazonas*”. Uma vez que se entende o jornal como, também, uma prática social, os remédios para as moléstias, retratam os saberes elaborados e interpretados nas trocas culturais, pois, de acordo com Mariani, “o discurso jornalístico (assim como qualquer outra prática discursiva) integra uma sociedade, sua

<sup>4</sup>JORNAL QUO VADIS, ANNO II – N. 144 – Terça-Feira, 12 de Maio. Manáos, 1903 – ACERVO DO IGHA.

<sup>5</sup>Em 13 de maio de 1903 – Inflamações do fígado e baço;

Em 16 de maio de 1903 – Dysenteria ou Diarrhéa de sangue;

Em 17 de maio de 1903 – Constipação ou resfriamento;

Em 19 de maio de 1903 – não houve publicação, pois a receita chegou “tardamente ao escritório”.

Em 20 de maio de 1903 – Constipações Antigas, Coqueluche;

Em 22 de maio de 1903 – Defluxo;

Em 26 de maio de 1903 – Dores de ouvidos, Inflamação da garganta ou esquinência, dores de olhos;

Em 27 de maio de 1903 – Dores de dentes;

Em 29 de maio de 1903 – sofrimentos da bexiga, escassez de urina, e urina dolorosa;

Em 30 de maio de 1903 – Rheumatismo.



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

história. Mas ele também é história, ou melhor, está empenhado de historicidade” (MARIANI, 1993, p. 33). Manuela Carneiro da Cunha, enfatiza o uso da cultura branca pelos indígenas que a transformam em “cultura”, para essa antropóloga, o conhecimento indígena é “*conceitualizado como avesso às ideias dominantes*”. Nisso, os índios precisam se imbricar na lógica dominante para serem ouvidos, torna-se um fazer nos outros, utilizam as “*expectativas dos dominantes*” para operar seus conhecimentos (CUNHA, 2009).

Vale ressaltar que as trocas culturais marcaram diferentes épocas da história de Manaus e da Amazônia, porém a cultura indígena nunca foi abolida por completo, como muitos almejavam, mas agregou a si elementos, matrizes dos estrangeiros, principalmente dos portugueses e espanhóis, bem como, os ibéricos também, utilizaram valores culturais nativos e...

Dessa etnodiversidade amazônica de grupos indígenas e ibéricos, herdamos muitos valores culturais diferenciados e contraditórios de crenças, falares, mitos, lendas, labores, artesanias e conhecimentos dos valores dos nossos ecossistemas florestais, fluviais e lacustres (BENCHIMOL, 2009, p. 21).

Por isso, desse hibridismo cultural, nasceu de acordo com Benchimol, a Amazônia Lusíndia, porém mais índia que lusa, pois seus hábitos permaneceram fortes e marcantes, e a Amazônia Espano-índia, sempre mais índia que espanhola.

O conceito de Hibridismo Cultural, é que a produção cultural, envolve um aglutinamento de modos de ser. No contato de diferentes culturas, Peter Burke apresenta diversas possibilidades de hibridização, visto que há uma variedade de situações nas quais os eventos acontecem gerando a possibilidade não do confronto, porém do ajuntamento de elementos das culturas em contato. Hibridismo cultural, é comparável não à diversidade cultural, mas a diferentes culturas – multiculturalismo. Mikhail Bakhtin (1987), passando a Carlo Ginzburg (2006), até Burke (2008), observa o uso da concepção de circularidade cultural, referindo-se ao modo como uma cultura pode ser passada de uma geração à outra, por exemplo: os europeus foram ensinados a não se banhar em locais com circulação de pessoas. Há uma ressignificação, e, essa prática é modificada a particularidades locais. Utilizando o mesmo exemplo, essas práticas eram





# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

necessárias, divertidas e uma forma de superar as elevadas temperaturas dos trópicos amazônicos<sup>6</sup>.

Vale ressaltar as trocas que foram imperativas e deram ao índio certo prestígio perante as elites. O seu conhecimento sobre os rios e águas do entorno da cidade, na culinária, a utilização de peixes e especiarias tipicamente nativas, e a própria denominação de algumas árvores, frutos e animais que, devido às suas características, recebiam denominações, pois “a diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura” (HALL, 2003, p.,33).

E os brancos? A principal dinâmica cultural vinda dos brancos foi a língua portuguesa, uma vez que desde o período colonial ela tornou-se oficial. Vale ressaltar que nela foram incluídas muitas palavras que tem origem indígena. Apesar de que os ditos *civilizados* ainda verem os indígenas como um “ancestral, primitivo numa escala do evolucionismo do darwinismo social”, uma vez que, no século XIX, como nos diz La Platine (2005, p., 65):

[...] o indígena das sociedades extra-européias não é mais o selvagem do século XVIII, tornou-se o primitivo, isto é, o ancestral do civilizado destinado a reencontrá-lo. [...].

Com essa ideia, o evolucionismo social entrou em voga, com inspirações advindas do século das luzes, este propõe que os estágios de evolução humana acontecem do menor para o maior e que toda a humanidade passará por isso: vai do tribal, selvagem, para a sociedade, civilizada. Os brancos acreditavam que os índios passariam por isso.

Os banhos em igarapés, costumes tipicamente local, dos índios, também foi incorporado aos hábitos dos senhores das elites. Simone Villanova (2011), nos diz que com a cultura local em vigor, os cavalheiros e suas senhoras da elite social, passavam muitas vezes, as horas quentes do dia, deliciando-se em banhos em revigorantes cascatas cristalinas.

Assim, mesmo sendo condenados<sup>7</sup>, inclusive, pelos Códigos de Posturas os banhos públicos tornaram-se um hábito sempre presente na cidade de Manaus e

---

<sup>6</sup>Ver mais, sobre o termo Hibridismo Cultural: BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.

<sup>7</sup>O filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton, evidencia em seu estudo que a cultura herda a autoridade religiosa ao estabelecer certa sacralidade às verdades culturais. Para ele, a cultura é um termo



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

praticados por habitantes que eram não somente os indígenas. Estes estavam “*habitando-se à maneira dos índios*”, pois “os métodos que puseram em vigor no Brasil não representou nenhum progresso essencial sobre os que, antes deles, já praticavam os indígenas do país” (HOLANDA, 1995, p. 22), ou seja, as práticas da população branca, não simbolizava nada de novo para os índios, não os motivavam, nem tão pouco os faziam sentirem-se inferiores ou diferentes.

Frantz Fanon, no livro *Los condenados de La Tierra* (1968) propõem analisar a ação do colonialismo na construção da identidade. Ao analisar o lugar do colonizado, o pesquisador deve levar a perspectiva da crítica, se não cai no mesmo discurso do colonizador. Portanto, devemos observar nas pesquisas historiográficas que, os condenados da terra, são aqueles que, na prática social do poder, evidenciam seus fazeres. O racismo é utilizado para justificar o poder, pois constitui uma prática de violência psíquica, pois faz o outro negar-se como tal.

O capitalismo, enquanto sistema, corrobora a distinção social. Não devemos pensar a cultura como algo intocável, como nos afirma Eagleton (2005), “*a Cultura é Política*”, está inserida num contexto de lutas e de poderes, as pessoas reagem com fazeres e resistências táticas.

Fernando Ortiz (2003) foca no processo de identificação cultural, pois a cultura passa por uma poética das relações onde devemos conceber o movimento com reação. Esse movimento é desagregador, à medida que o poder é hierárquico, fascista. Dentro do processo de poder, o negro, o índio, lutam! Lutar contra e assumir o local do poder não significa libertação. É preciso entender a estrutura, a articulação desse sistema.

As diferenças são priorizadas pelos atores, há diversas dicotomias presente no cotidiano que evidenciam as diversas formas de fazer no grupo social, temos as línguas, e signos, roupas e adornos, padrões de moralidade, tudo mutidiverso. Nisso vemos que existem diferentes formas de organização.

A socióloga Marilene Corrêa, discorre sobre a existência na história da Amazônia de três Amazônias, que são: a Amazônia Portuguesa, a Amazônia Indígena e a Amazônia Brasileira. Atentemos que, Amazônia indígena, antecede e atravessa a

---

político pois se articula como modeladora dos povos tidos como diferentes, faz nos outros aquilo que Norbert Elias denominou “processo civilizador” e, transforma-se numa relação de poder. Ler mais em: EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Trad. de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.





# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

Amazônia Lusitana, uma vez que esta não conseguiu despir as matrizes culturais propriamente dos índios, sobreviveu a lusitanização, com seus traços e chegou até nossos dias com suas raízes bem preservadas, apenas aglomerou em seu interior elementos de outra cultura, ou seja, da cultura branca.

A Amazônia Indígena que antecede a Amazônia Lusitana não tem equivalência na cultura europeia. É produto do desenvolvimento independente dos povos que ocupam a região Norte, num período de pelo menos três mil anos, antes da colonização. As distintas interpretações dos arqueólogos, linguistas, antropólogos encontram, hoje, um ponto comum sobre os seus modos de existência e a efetiva adaptação ao meio ambiente pelos seus habitantes. [...]. (SILVA, 2004, p., 168)

Vemos assim como se deu o processo civilizatório nos trópicos: através de adaptação, por parte dos brancos que para sobreviver deviam adequar-se ao ambiente, visando assim alterar a sociabilidade a seu gosto, como ocorreu durante a *belle époque*.

## Considerações Finais

Podemos afirmar que as trocas culturais foram uma prática constante na cidade de Manaus e em seu entorno. Vale destacar que a cultura resultante desse hibridismo passou a ser a cultura característica da cidade, mas sempre a cultura indígena era menosprezada, ligada ao atraso, e impedida de se manifestar. Pode-se afirmar que a cultura dos indígenas foi ligada ao atraso e ao não civilizado pelo etnocentrismo que visualizava a Amazônia como um lugar impossível de se ter cultura. Porém,

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações. [...] (LARAIA, 2008, p.,24)

Edward Said, nos mostra que com a chegada dos brancos e europeus na colonização das remotas localidades, houve um processo automático de resistência. Porém, muitas vezes preferimos mostrar ou ver apenas a **resistência armada**, que é a primeira, mas, o mesmo autor nos aponta ler as **resistências culturais** (SAID, 1995),



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

onde o contato com o imperial acarretará uma postura de defesa pelas idiossincrasias pessoais de cada localidade.

Com o tempo, a cultura vem a ser associada, muitas vezes de forma agressiva, à nação ou ao Estado; isso 'nos' diferencia 'deles', quase sempre com algum grau de xenofobismo. *A cultura, neste sentido, é uma fonte de identidade*, e aliás bastante combativa, como vemos em recentes 'retornos' à cultura e à tradição. Esses retornos acompanham códigos rigorosos de conduta intelectual e moral, que se opõem à permissividade associada a filosofias relativamente liberais como o multiculturalismo e o hibridismo (SAID, 1995, p. 13).

Logo, as diferenças existem para tornar próprio, caracterizar certas singularidades, e, os portugueses e demais estrangeiros aprenderam com os índios, pois cultura, acredito, é aquilo que aprendemos no dia-a-dia, no cotidiano, não é uma "transmissão genética". Assim, as trocas culturais aconteceram à medida que cotidianamente, índios estavam em contato com brancos e vice-versa, pois no cotidiano se elaboram as práticas sociais e na sociabilidade eles se relacionam e aprenderam ou resignificam hábitos uns dos outros.

Homi K. Bhabha, em *O local da Cultura* (1998), pensa e analisa a cultura a partir das diferenças, em vez da diversidade. Assim, este teórico, vê as fronteiras culturais como um caso relativo à própria expressão da diferença cultural, o que impõe ir além do reconhecimento e valorização das diversidades, bem como da crítica aos etnocentrismos, às exclusões e desvalorizações. Bhabha, problematiza o nacionalismo e como este articula uma espécie de coerção social, visto que vê a partir de uma unicidade, uma singularidade em um ambiente, que não dá abertura ao diferente. Este trabalho buscou analisar, em Manaus, estes que foram considerados diferentes, a minoria que adentrou e conviveu no ambiente dominado pela cultura estrangeira, e agregaram ao seu modo de fazer elementos daquela, assim como os europeus, também usaram os modos de fazer do nativo (BHABHA, 1998).

Bhabha nos propõe, também, que subalternidade dos sujeitos são alteridades que se colocam como o outro. Subalternidade, entretanto, nada tem a ver com submissão. Os índios analisados no contexto proposto, de submissos pouco tinham, mas faziam a seu modo uma inserção no mundo do branco e, assim, mantinham seus fazeres com táticas de reinvenção cotidiana em meio ao discurso modernizador advindo com a *Belle*



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

*Époque*. O que poderia ter havido também naquele momento seria uma dinâmica do espaço cultural, onde o espaço da diferença era respeitado, mas com o discurso modernizador do século XIX, foi atrelado ao índio o *status* de incivilizado e, suas práticas foram classificadas como atos de atentado a ordem urbano.

É importante que o pesquisador ao analisar o lugar do colonizado, deva levar a perspectiva da crítica, se não cairá no mesmo discurso do colonizador.

## Referências

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo e. (1852). **Dicionário Topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas**. Recife: Meira Henrique Nova – Edição Fac-similar; Manaus: Associação Comercial do Amazonas – ACA – 1984 (Coleção Hileia Amazônica, “1”).

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais**. Trad. de Yara Franteschi Vieira. São Paulo: HUCITEC: [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. e Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1998.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer**. 2ª ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro. Vozes, 1994.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com Aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Trad. de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O Cotidiano de um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

HALL, Stuart. **Pensando a Diáspora**: Reflexões sobre a terra no exterior. In: \_\_\_\_\_ Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org.). trad. de Adelaide La Guarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LA PLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2008.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: Sanitarismo e Eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARIANI, Bethânia S. Corrêa. “Os Primórdios da Imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói a memória).” In: ORLANDI, Eni Puccineli. (org). **Discurso Fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas/São Paulo: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato. **Uma cultura internacional-popular**. In: \_\_\_\_\_. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 105-145.

SAID, Edward W., **Cultura e Imperialismo**. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **História do Amazonas**. Rio de Janeiro: MENVAVMEN, 2010.

SILVA, Marilene Corrêa. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/ UNINORTE, 2004.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOVIK, Liv. Apresentação: Para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org.). Trad. de Adelaide La Guarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

VILLANOVA, Simone. Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX. In: CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de,



# MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

NORONHA, Nelson Matos de. (Orgs). **A Amazônia dos Viajantes**: história e ciência.  
Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas – EDUA, 2011.

**Fonte Primária Utilizada:** JORNAL QUO VADIS ANNO II – Manaus, 1903 –  
Acervo: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA.

Trabalho apresentado em 29/05/2015

Aprovado em 27/09/2015